

IMAGEM, CIDADE, ARQUIVO: PRÁTICAS URBANAS EM FOTOGRAFIAS DE ARLETE SOARES (1960-1980)

Yago Bruno Santos de Souza

Graduando do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – UFBA e integrante do grupo de estudos Laboratório de Estudos em Imagem e Arquitetura (LEIA) e Urbanidades Liminares, yago.bruno@ufba.br;

Resumo

Num contexto geral, o projeto “Imagem, Cidade, Arquivo: práticas urbanas em fotografias soteropolitanas (1960-1980)” propõe pesquisar arquivos fotográficos de Salvador na segunda metade do século XX que registram práticas urbanas no ambiente da cidade, explorando assim formas de constituição do sujeito, nas décadas de 1960 e 1970, por meio de narrativas visuais. O conjunto de imagens escolhido como objeto de estudo são fotografias de Arlete Soares. No amplo espectro das narrativas visuais fotográficas produzidas por essa fotógrafa, procuraremos por aquelas imagens que desestabilizam uma determinada tradição de cidade dominante baseada em valores modernos, tanto no âmbito do urbanismo e de arquitetura, como no âmbito social, de raça e de gênero. Nossa hipótese é a de que essas imagens podem fazer emergir modos de compreensão e produção de cidade e de sua história, também numa dimensão artística e estética, muitas vezes desconhecidos porque recalcados por um discurso visual ou urbanístico modernos predominantes. Esses outros modos acessados pela produção fotográfica são igualmente constitutivos da malha da urbanidade, e, ao emergirem hoje segundo a natureza fantasmática que caracteriza o visível, podem promover reconfigurações no nosso modo de produção, experiência e apreensão da cidade. Aliado ao reconhecimento de quem é esta figura que fotografa, quais apagamentos atravessam o corpo da Arlete Soares enquanto mulher considerada

‘a frente de seu tempo’ que teve boa parte de suas produções invisibilizadas pelos agentes do patriarcado em sua manutenção de poder.

Palavras-chave: Cidade, Imagem, Arquivo, Fotografia, Memória.

Introdução

Num contexto geral, o projeto “Imagem, cidade, arquivo: práticas urbanas em fotografias soteropolitanas (1960-1980)” propõe pesquisar arquivos fotográficos de Salvador na segunda metade do século XX que registram práticas urbanas no ambiente da cidade, explorando assim formas de constituição do sujeito, nas décadas de 1960 à 1980, por meio de narrativas visuais.

O conjunto de imagens escolhido como objeto de estudo são fotografias de Arlete Soares. No amplo espectro das narrativas visuais fotográficas produzidas por essa fotógrafa, procuraremos por aquelas imagens que desestabilizam uma determinada tradição de cidade dominante baseada em valores modernos, tanto no âmbito do urbanismo e de arquitetura, como no âmbito social, de gênero e de raça. Nossa hipótese é a de que essas imagens podem fazer emergir modos de compreensão e produção de cidade e de sua história, também numa dimensão artística e estética, muitas vezes desconhecidos porque recalcados por um discurso visual ou urbanístico modernos predominantes. Esses outros modos acessados pela produção fotográfica são igualmente constitutivos da malha da urbanidade, e, ao emergirem hoje segundo a natureza fantasmática que caracteriza o visível, podem promover reconfigurações no nosso modo de produção, experiência e apreensão da cidade.

A Arlete Soares surge enquanto recorte desse objeto de pesquisa compreendido pelas imagens de Salvador por seu pioneirismo em ocupação de um espaço profissional majoritariamente visto como masculino e suas relações de amizade com ícones da cultura baiana do século XX, fotógrafos, cantores e artistas dos mais diversos. Vindo de um litoral interiorano, próximo ao recôncavo, compreendido pela cidade de Valença. Arlete passa a transitar, desde os anos 60, por diversas regiões do país e do mundo, trazendo uma outra perspectiva para um olhar fotográfico de fora que sempre incidia na comercialização das imagens da cultura local. Arlete se encontra nesse entremeio que configura as disputas pela visibilidade e enquadramentos possíveis da cultura local e a indústria do turismo que passa a crescer em fins do século XX.

Metodologia

Dentre as etapas executadas e diante dos encontros de nosso grupo de estudos (dividido em momentos coletivos com todos os integrantes e momentos designados à orientações às ICs) e das delimitações de consulta à acervos e arquivos com o surgimento e agravamento da pandemia de COVID-19, tem-se a realização de encontros remotos com bibliografia voltada para as questões referente à cidade, à fontes visuais, seus arquivos e possibilidade de correlação com as produções dessas/es fotografas/os.

Nestes encontros, há o debate dessas bibliografias, com inserção de questões encontradas por todos os integrantes que possibilitem uma contextualização dessa Salvador de 1960 à 1980 envolvendo o cruzamento dessas referências visuais;

Existe uma bolsista responsável pela produção dos documentos de ata durante as reuniões, os quais são retroalimentados por todos os demais nos fins dos encontros coletivos. Estas, ficam disponibilizadas no Google Drive criado com o surgimento do grupo de estudos e cujo intuito visa(va) o compartilhamento e armazenamento de referências, inserção das produções individuais dos respectivos planos e, obviamente, arquivos que necessitem ser compartilhados com o coletivo;

O levantamento da situação dos acervos das fotografas já foi feito, especificamente em se tratando do acervo da Arlete Soares, houve a descoberta de sua existência e situação de preservação ao conseguirmos estabelecer contato. Isto só foi possível graças à uma rede de relações próxima à uma das bolsistas. Além disso, encontrou-se um acervo virtual de fotografias da autora em uma rede social pessoal e cuja autenticidade foi atestada recentemente por ela em uma mesa promovida pelo grupo no Congresso Virtual da UFBA 2021. No que concerne a possibilidades de veiculação desses acervos, estamos em processo de diálogo com a Arlete e de aproximação de seu trabalho e, principalmente após termos tido contato, de sua subjetividade; O processo de mapeamento dessas fotografias e produções da Arlete Soares visou, em decorrência da pandemia, uma maior aproximação com referências virtuais. No entanto, a produção da autora enquanto subjetividade é relativamente inacessível, havendo uma maior quantidade de obras associada à sua trajetória com a editora Corrupio e o trabalho de Verger. Por fim, até o momento, foi possível ter acesso a

esse acervo virtual em seu Flickr, além de um de seus fotolivros retratando imagens da Bahia, o 'Bahia Tatuagens/Bahia Tattoos' (SOARES, 1997);

Parte das imagens físicas encontradas, do livro 'Bahia Tatuagens', foram scaneadas – principalmente às que se referem ao período de 1960-80. Porém, ainda se faz necessário uma visita e acesso ao acervo físico da fotógrafa, em processo de articulação para ser feito após o lockdown;

A organização desse arquivo iniciou-se no drive e Padlet¹. Sendo a segunda plataforma mais orgânica e interativa e possibilitando a inserção de diversos arquivos online, além de possibilidades de cartografias associadas ao maps. Já as fotografias que se encontram no drive compreendem um filtro realizado a partir do que está disponibilizado no padlet. Em ambos, os dados das fotos constam nos títulos;

Até o momento foram feitas 1 apresentação em seminário interno das ICs do grupo de estudos e um vídeo-poster coletivo falando do processo da pesquisa para o Congresso Virtual da UFBA 2021;

Resultados e discussão

Ao se debruçar nas fotografias e trajetória profissional de Arlete Soares – no período apreendido, principalmente, pelas décadas de 1960 à 1980 – tem-se vislumbres acerca de uma produção de uma Salvador registrada, majoritariamente, nos livros de forma escrita, malmente utilizando a visualidade de maneira descritiva e complementar ao discurso escrito; ou de uma visualidade de caráter estritamente turístico e, sob os regimes de enquadramento do olhar Carlista (BUENO, 2020; SCHEINOWITZ, 1998; SOARES, 2006). Por visualidade compreende-se os regimes envolvendo fontes e elementos visuais constituidores dos cotidianos citadinos entendendo que 'a História, como disciplina, continua à margem dos esforços realizados no campo das demais ciências humanas e sociais, no que se refere não só às fontes visuais, como à problemática básica da visualidade.' (ULPIANO, 2003, p. 20).

1 O padlet é uma plataforma online para compartilhamento de arquivos dos mais diversos (links, PDFs, imagens, vídeos, etc) dispostos em um layout semelhante à um mural. (Ver: padlet.com)

Ironicamente, vão existir regimes de apagamentos da atuação de uma mulher considerada à frente de seu tempo – apagamentos estes que são fortalecidos por sua trajetória de devoção à publicação da obra de Verger com a criação e gerenciamento de uma editora voltada a isso, a Corruptio (1979). Nascida na cidade de Valença, no litoral baiano à sul de Salvador, a intersecção das trajetórias de Arlete com a fotografia só vem ocorrer na França, com a concepção do grupo ZAAS, durante realização de seu doutorado (e exílio) como a mesma retrata em:

“Essas fotos que eu estou vendo aí, foi muito na época do grupo ZAAS que você se referiu, o ZAAS foi de 72 à 75 e era um polo de fotografia... por lá passavam [...], Pierre Verger, Mariozinho Cravo, então fizemos muitas exposições, a primeira exposição de Verger foi feita pelo grupo ZAAS, havia um clima assim, muito forte, os fotógrafos se uniam [...]” (SOARES, 2021)

Além dos nomes citados, a influência de Sebastião Salgado na trajetória profissional da fotógrafa se faz de vital importância no período em que Arlete considera-se fotógrafa amadora, nos fins de 1960 e início de 1970 (OS NEGATIVOS, 2007)

“eu fui pra Europa em 1968 e aí eu tive, fui morar na cidade universitária, tinha muitos amigos, e lá estava Sebastião Salgado, ele e a mulher dele, lelinha... e ele montou um ‘armengue’ no apartamento dele lá na Casa do Brasil (Maison du Brésil), na cidade universitária, um laboratório, e me chamava ‘vem ver como é...’ e eu fiquei fascinada, eu achei que aquilo era a coisa melhor que eu tinha pra fazer, não era pra fazer o doutorado... fui fazer o doutorado e acabei virando fotógrafa... então quando voltei de lá, 1972-74, eu só pensava em fotografia... hoje com 80 e poucos eu penso assim, minhas melhores fotos talvez sejam as que tão no início da minha história, quando eu era amadora... eu amava fotografia, que amador é isso, amador significa aquele que ama... com o tempo vem esse olhar profissional, o cliente passa a interferir, aí você vai conspirando contra seu próprio olhar[...]” (SOARES, 2021)

Interessante pensar no que foi a formação do grupo ZAAS para todas essas subjetividades fomentadoras e influenciadoras da cultura baiana no séc. XX e na Maison du Brésil compreendida pela materialização

na arquitetura de um projeto modernista le cobursiano que, apesar de seus defeitos, também contribuiu - especialmente - para que a Arlete se interessasse pela fotografia; conhecesse Sebastião Salgado, Jorge Amado, Verger, Caimmy, Mariozinho Cravo; fundasse a Editora Corrupio; publicasse obras de Verger e suas, além de retratar a cultura baiana envolvida por meio de suas amizades e relações pessoais.

Imagem 01: Sebastião Salgado – Arlete Soares (1969).



Imagem 02: O ex-governador da BA e ex-senador Antônio Carlos Magalhães (ACM) entre os anos 70 e 90.



Observando suas imagens, para além de figuras de um certo status e reconhecimento local e nacional, tem-se registros de realidades do contexto soteropolitano que não poderiam ser ignoradas pelo olhar da fotógrafa, apesar de haver um apagamento por parte da grande mídia, dessas realidades.

Imagem 03: Bloco Badauê – Salvador , Bahia (1979).



Como podemos notar na imagem 03, o bloco Badauê foi um dos primeiros blocos afros, após os blocos de 'índio', a saírem no carnaval de Salvador dos anos 70. Abrigando uma juventude negra das periferias localizadas no centro de Salvador na época, à exemplo de bairros como o Engenho Velho de Brotas, local de surgimento do bloco afro. Paralelo à essa renovação da folia baiana a partir do surgimento de diversos blocos de afoxé, após o Badauê, em diversos bairros periféricos da cidade (à exemplo do Ilê Aiyê, Malê Debalê, Olodum, Apaches do Tororó, etc). Tem-se a expansão da cidade de Salvador a partir da construção da Avenida Paralela e do conjunto de avenidas de vale do EPUCS na região do centro da cidade até o CIA – ligando Salvador à sua região metropolitana e, conseqüentemente, ao polo industrial em consolidação em Camaçari. Uma expansão urbana que afeta toda a cidade de Salvador, como é possível notar em:

“Em março de 1967, o novo prefeito de Salvador tinha prometido uma revolução na gestão do município; cumpriu com a palavra, pois seu governo não foi

marcado por uma evolução ou mesmo por uma transformação rápida, mas sim por uma verdadeira quebra física e psicológica com o passado. [...]

As inaugurações sucedem-se: Avenida Cardeal da Silva, Avenida Antônio Carlos Magalhães, Avenida Mário Leal Ferreira, Avenida Presidente Castelo Branco, a Avenida hoje chamada Tancredo Neves, Avenida Reitor Miguel Calmon (no Vale do Canela), Avenida do Contorno, Avenida Magalhães Neto, Avenida Garibaldi (até Ondina), Estrada Centro Industrial de Aratu – Aeroporto, Avenida Suburbana, Viaduto São Raimundo – Politeama, Viaduto da Federação, Viaduto Marta Vasconcelos, Viaduto Marta Rocha, Viaduto Joana Angélica, Viaduto da Fonte das Pedras, Viaduto Praça Almeida Couto, Viaduto dos Engenheiros, Viaduto da Frederico Costa, Viaduto Mascarenhas de Moraes, Viaduto Nazaré – Barbalho, Viaduto Nossa Senhora Auxiliadora.” (SCHEINOWITZ, 1998, p. 25)

Imagem 04: Avenida Garibaldi recém-inaugurada em meados dos anos 70 (SCHEINOWITZ, 1998).



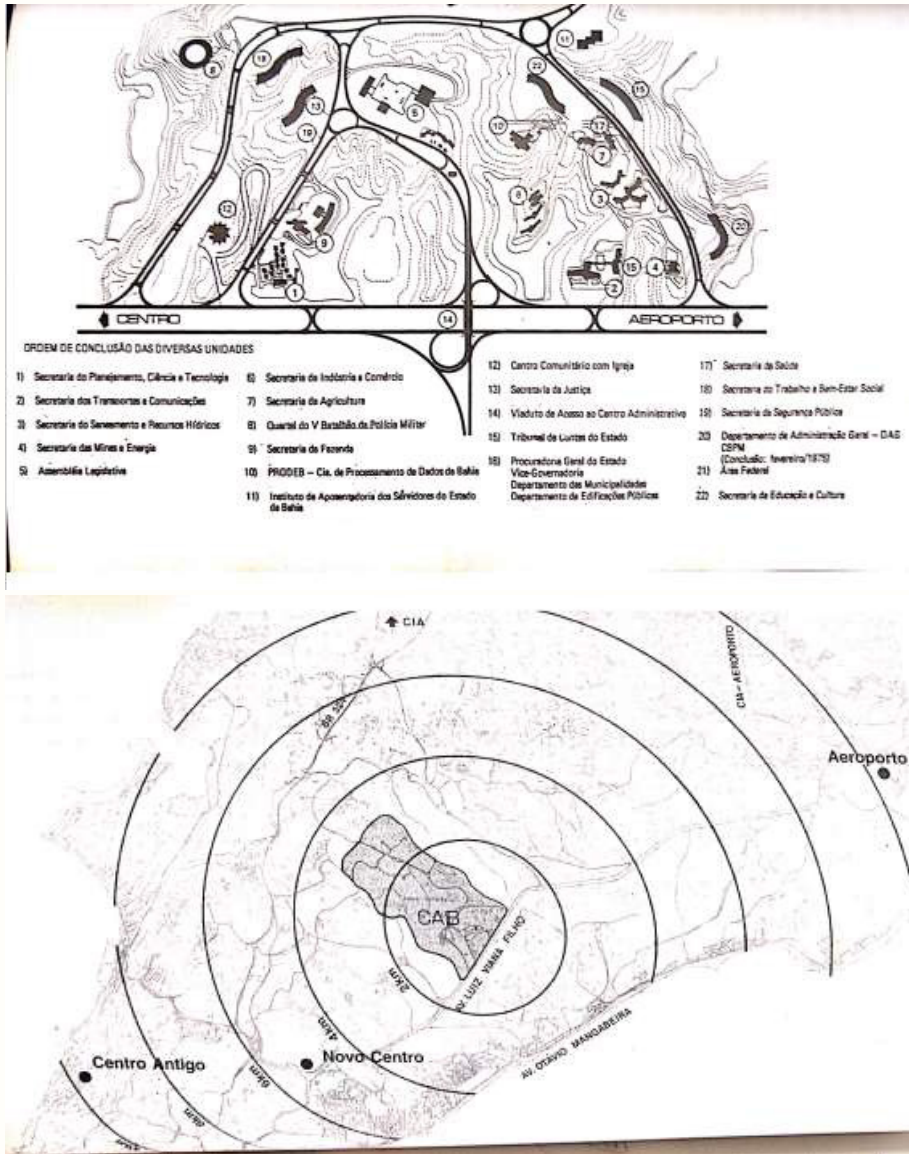
Imagem 05: encaixe das diversas avenidas de vale na região do Acesso Norte, conhecida popularmente como rótula do abacaxi.



Imagem 06: Avenida Luís Viana Filho/Avenida Paralela em construção, na época chamada de 'Avenida Pioneira' inaugurada em 1971 e ampliada em 1974.



Imagem 07: projeto do CAB, Centro Administrativo da Bahia (SCHEINOWITZ, 1998).



A partir desse conjunto de imagens, tem-se noção de que momento falamos, de uma Salvador em constante mudança, uma metamorfose ambulante que passa por obras de caráter viário até meados dos anos 80, visando uma expansão urbana que, de fato, ocorreu nesse período e que acaba por atrair moradores pobres do interior para trabalharem

na construção civil e em busca de oportunidades de vida nessa cidade que se modernizava. Essa quebra psicológica com o passado também deixa para trás o olhar diante da alteridade, do outro constituindo pelos processos hegemônicos de (i)legalização da cidade. Um olhar possível de ser resgatado, a partir de fragmentos constituintes pelas fotografias de uma mulher que não se inseria movida à grandes interesses em sua prática fotográfica.

Imagem 08: Centro Administrativo da Bahia, 1974 – Arlete Soares.



A Arlete acaba acompanhando parte desses processos, como a construção do CAB, enquadradas por seu olhar (imagem 04) e pelo olhar do Estado (imagem 03) onde podemos perceber a atenção aos detalhes envolvidos nessa expansão urbana dos anos 70-80. É interessante perceber que Arlete, ao ver essas imagens do CAB fala:

“Centro Administrativo.... eu acompanhei muito a construção do Centro Administrativo ... desde o começo, os tratores abrindo a avenida, as construções ... era amiga do Lelé, então eu tinha muita facilidade de me entrosar no grupo[...] Aquela área era uma maravilha, né... super arborizada, era quase uma floresta... aí levaram o Centro Administrativo, criaram o Centro Administrativo para desafogar o centro histórico... tudo bem, duas avenidas, canteiro central... agora, a construção do metrô é a coisa mais horrenda da minha vida... eu não sei como é que grupos poderosos, esses empreiteiros, sei lá senta e desenha um negócio daqueles... a destruição da cidade de Salvador... ao mesmo tempo em que se tentava

preservar, restaura câmara dos deputados, restaura interior da catedral, restaura o Pelourinho... mas aí, de 1936 eu acho... 1936... a demolição da Sé... aí eu venho de viagem e quando eu voltei, tinham demolido a mansão Windberg e tinham construído aquela coisa absurda!... que eu chamo do edifício macabro... que quebrou completamente a visão que você tinha de salvador chegando pelo mar ou voando... você vê aquele monstro da Ilha de Itaparica, do Monte Serrat, do Porto da Barra... eu não sei como que esses órgãos que diz preservar o patrimônio histórico deixa a coisa assim... no século passado, não tem muito tempo, queriam derrubar a igreja do Rio Vermelho pra, sempre o objetivo, é dar passagem para os carros, é sempre a ganância... (SOARES, Arlete; 2021)

Considerações finais

A fotógrafa trás não somente lembranças de processos de expansão urbana anterior à sua atuação como fotógrafa, como processos contemporâneos – à exemplo da Sé e igreja do Rio vermelho, no primeiro caso, e da mansão Windberg e do metrô, respectivamente. Isso nos mostra uma das potências envolvidas na exploração dessas imagens, que apesar de possuírem um significado bastante explícito – expansão urbana e modernização da cidade de Salvador – pelo contemplar dessas visualidades, também, trazem uma bagagem de memórias, relações, saudosismos em quem as fez, permitindo-nos afirmar a importância de confrontar essas imagens por diversas leituras possíveis envolvendo não somente as artes visuais, mas a história e também urbanismo, no entendimento de uma cidade que sempre afeta os corpos de seus ocupantes.

Também, é possível perceber o protagonismo que a memória associada a imagem passa a ter com essa exploração de arquivos associado à sua autora. Entendendo que a memória enquanto fonte possui diversos aspectos positivos uma vez que se possa atestar a veracidade dos fatos atestados, mas que, todavia, possui irregularidades advindas das falhas comuns da consciência humana com o tempo, o que não torna seus fatos irreais, mas que pode entender o surgimento deles numa cronologia que pode divergir a partir do acesso à pessoa portadora dessas memórias.

Referências

A HISTÓRIA do Afoxé Badauê. Salvador: Tve Bahia, 2019. (7 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ySk1-B_kD2s&ab_channel=TVEBahia. Acesso em: 28 mar. 2021.

BUENO, Winnie. *Imagens de Controle: um conceito do pensamento de patricia hill collins*. Porto Alegre: Zouk, 2020. 176 p.

CARNAVAL Brasil - anos 40. Direção de Pierre Verger. Roteiro: Arlete Soares. São Paulo: Manduri, 1984. Son., P&B. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rWBckYiWNOE&ab_channel=joseantonio-barros-freire. Acesso em: 05 out. 2020.

CIDADE, imagem, arquivo: Salvador anos 1970 e 1980. Coordenação de Junia Mortimer. Intérpretes: Arlete Soares, Aristides Alves. Salvador: Tv Ufba, 2021. (57 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vo4mpOLcWAE&ab_channel=TVUFBA. Acesso em: 24 fev. 2021.

F.O.T.O.G.R.Á.F.I.C.A.S. Direção de Caroline Vieira e Hewelin Fernandes. Intérpretes: Agnes Cajaiba, Arlete Soares, Carla Galrão, Cristina Mascarenhas, Isabel Gouvea, Margarida Neide, Mariana David, Marina Silva, Maureen Bissilliat, Nair Benedicto, Rosa Bunchafft, Shirley Stolze, Sora Maia, Valéria Simões, Shai Andrade, Helen Salomão (Helenmozão Nome Artístico) e Rejane Carneiro.. Música: Voo Livre - Jana Vasconcellos. Salvador: Tve Bahia, 2017. (54 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gFLaEOG-sEXU&ab_channel=TVEBahia. Acesso em: 15 out. 2020.

HUBERMAN, Georges Didi. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo aby warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. 506 p.

MENESES, U. B. de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. *Balanço provisório, propostas cautelares*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

OS NEGATIVOS. Direção de Ángel Díez. Produção de Ángel Díez, Sofilmes, Tve Bahia, Fundação Padre Anchieta (Tv Cultura), Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec). S.L.: Tv Brasil, 2007. (50 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4USvwDG3gqY&t=1s&ab_channel=FelipeNeves. Acesso em: 05 out. 2020.

SCHEINOWITZ, A.S. O macroplanejamento da aglomeração de Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 1998. 314 p.

SOARES, Arlete. Arlete Soares: acervo. acervo. 2014. Disponível em: <https://www.flickr.com/people/arletesoaresacervo/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

_____, Arlete. Arlete Soares Acervo. Salvador, fev. 2021. Instagram: @acervoarletesoares. Disponível em: <https://www.instagram.com/acervoarletesoares/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

_____, Arlete. Bahia Tatuagens. 3. ed. Salvador: Corrupio, 2006. 184 p.